

## Crónicas Bibliográficas

Coronel  
António de Oliveira Pena



Major-general  
Adelino de Matos Coelho



## A Marinha e o Poder Político em Portugal no Século XX



Esta obra do Prof. Doutor João Freire constitui um contributo bem sustentado para um conhecimento mais abrangente da História da Armada, como “instituição” e como “corporação”, durante o século XX, particularizando “os quatro períodos temporais a que corresponderam regimes político-constitucionais diferenciados”:

- O final da monarquia (1900-1910);
- A República Parlamentar (1910-1926);
- A ditadura militar, o estado novo e o “marcelismo” (1926-1974);
- A democracia (1974-2000).

Em cada um destes períodos, de forma sintética e numa escrita de leitura muito apetecível, o autor caracteriza a Armada e destaca os principais efeitos nela provocados, nos quadros das respectivas mudanças políticas, não deixando de mencionar a

participação de oficiais do ramo nos órgãos superiores do Estado (ministros, parlamentares, governadores nos territórios ultramarinos) e as acções de força internas, desenvolvendo a sua análise nos contextos das “três grandes revoluções” do século: “5 de Outubro de 1910”, “28 de Maio de 1926” e “25 de Abril de 1974”.

A Revista Militar felicita o Prof. Doutor João Freire e as Edições Colibri pela publicação deste livro, no qual o copioso acervo fotográfico e a riqueza bibliográfica reforçam o interesse pelos factos nele mencionados, agradecendo o volume que lhe foi ofertado.

Major-general Adelino de Matos Coelho  
Director-Gerente do Executivo da Direcção da Revista Militar

## **Seis Grandes Comandantes**

**(Alexandre, Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Frederico E Napoleão)**

A ESTRATÉGIA AO SERVIÇO DA POLÍTICA, DA GUERRA, DAS EMPRESAS  
CLÁSSICOS DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO

# Seis Grandes Comandantes

Theodore Ayrault Dodge



ALEXANDRE  
ANÍBAL  
CÉSAR  
GUSTAVO ADOLFO  
FREDERICO  
NAPOLEÃO

Estudo Introdutório

FERNANDO CARDOSO DE SOUSA



EDIÇÕES SÍLABO

Para além do destaque dado aos seis comandantes a obra valoriza e clarifica conceitos de liderança, estratégia e tática só possíveis por ter sido assumida por um dos melhores historiadores militares do século XIX. O tenente-coronel do Exército Confederado da Guerra da Secessão dos Estados Unidos da América, Theodore Ayrault Dodge (1842/1909), teve educação militar em Berlim e formação superior na Universidade de Londres. Dodge ingressou como soldado no Exército da União Sulista, foi sendo promovido na sequência das batalhas onde participou, reformou-se com o posto de tenente-coronel após ter perdido a perna direita na batalha de Gettysburg.

A obra foi traduzida por Paulo Belchior, a partir da edição publicada em Nova Iorque em 1889, contendo um *Estudo Introdutório* da autoria do tenente-coronel, doutor em

*psicologia organizacional*, Fernando Cardoso de Sousa. No *Estudo* analisa-se o conceito de liderança, recordando trabalhos do CMG, doutor, Jorge Correia Jesuino, tese de doutoramento, *Processos de Liderança* (1ª edição 1987). A partir do *Estudo* inferem-se as razões pelas quais não se ter seguido o generalizado senso comum da actualidade que consiste em designar por líderes todos os presidentes, directores, chefes e secretários-gerais, felizmente ainda não se tendo *acomodado* aos comandantes.

A tomada de decisão merece realce no *Estudo Introdutório* "(...) Dodge frisa bem quão importante é ser capaz de obter os factos de fonte directa, referindo que os grandes generais conquistaram o êxito pela actividade pessoal e por confiarem apenas neles próprios nas questões cruciais.", ainda se fazem referências à saúde física dos comandantes. "(...) Dodge faz uma análise interessante deste aspecto, quer relativamente ao passado desportivo e de combate directo dos generais quer, sobretudo, à idade precoce em que surgiram à frente das tropas.". Na nota final do *Estudo* salienta-se que os comandantes cuidavam da comunicação, "Todos eles demonstraram uma capacidade oratória invulgar, com discursos arrebatadores que movimentaram multidões, mas que souberam, também, manter o silêncio e o isolamento da grandeza, a grande 'miséria dos homens superiores', que lhes permitiu tomar decisões altamente ponderadas."

ALEXANDRE  
(356aC/323aC)

Este comandante foi educado por Aristóteles, sendo o monarca do seu tempo melhor preparado no corpo e no espírito, tendo a sua primeira experiência de guerra na batalha de Queroneia (338aC) como comandante da ala esquerda macedónia. Segundo o historiador Dodge, a primeira batalha de Alexandre na Ásia ocorreu em Granico onde derrotou o exército persa seguindo-se avanço notável até à Fenícia no qual se destacou pela forma como conseguiu ultrapassar o corte das suas comunicações actuando habilmente junto dos seus homens no sentido de lhes manter moral elevado. "Decorria a Primavera de 330 aC. Tinham passado apenas quatro anos e Alexandre tinha derrubado o Império Persa;". Depois, actuando com coragem, empreendimento e inteligência, concretizou o projecto de conquistar a Índia, decorreram mais quatro anos (326aC), Alexandre estava no Punjab, a terra dos cinco rios.

Nos combates na região indiana foi ferido com gravidade, mas conseguiu recuperar e conduzir os seus homens a casa. "Quando Alexandre atingiu de novo a Babilónia, a sua maravilhosa carreira militar tinha terminado. Pereceu aí, em 323aC, devido a uma febre, e as suas grandes conquistas e projectos de uma monarquia greco-oriental foram dissipadas."

Alexandre era estudioso sendo o seu livro preferido a *Íliada*, cuja cópia anotada por Aristóteles conservava junto de si, "activo, apto a aguentar o calor e o frio, a fome e a sede, a adversidade e a fadiga, mais até que o mais corajoso." Em relação à importante, já na altura, forma de comunicar, Alexandre, "Tinha o raro dom de uma oratória clara e convincente, e de manter os homens suspensos das suas palavras quando lhes falava e,

*depois, dos seus actos de heroísmo quando actuava.”*

As intervenções bélicas comandadas por Alexandre são nos aspectos tácticos exemplares na concepção e execução, *como comandante, concretizou mais que qualquer um alguma vez conseguiu.*

#### ANÍBAL

(246 aC/183-182 aC)

Aníbal, General cartaginês, que se celebrizou na segunda guerra púnica, recebeu através do pai (Amílcar, dirigente do partido cartaginês da guerra) cuidada educação grega em termos intelectuais e primeira instrução como soldado (aos nove anos) nos acampamentos na Hispânia e mais tarde, aos vinte e um anos, foi influenciado pelo tio Asdrúbal que o fez chefe da cavalaria. Em três anos (221/218 aC) Aníbal conquistou a Hispânia e na sequência duma *“marcha extraordinária - a primeira passagem dos Alpes por alguém que não um mercador isolado - e possivelmente a mais temerária surpresa alguma vez levada a cabo.”*, atingiu o Pó em Outubro de 218 aC. Aníbal controlava com o maior cuidado e rigor os homens, sendo a sua coragem e autoconfiança, as principais valias que permitiram conquistar a Itália sem *base definitiva e com aliados incertos*. Este comandante nunca prometia, concretizava (executava marchas *rápidas, secretas e astuciosas*) com base em ideias abrangentes e lúcidas, sendo a sua educação muito superior à preparação intelectual dos generais romanos, podendo ser denominado como *“O Pai da Estratégia”*.

#### CÉSAR

(101 aC/44 aC)

Júlio César, treinando-se a si próprio, começou a carreira militar aos 42 anos quando a maioria dos grandes comandantes já a tinham terminado. A juventude de César decorreu como aristocrata, *misturando-se boa educação e vícios*, atingindo a idade adulta como *consumado cosmopolita*.

Como Comandante César tinha capacidade de decisão, coragem e rapidez de percepção sobre o ambiente que o rodeava, mas notava-se nele falta de autoconfiança, postura que estava na base da sua prudência.

*Partindo de César, a virtude militar era vincada em todos os escalões. Em organização ou disciplina, competência para executar praticamente qualquer trabalho, capacidade de resistência ao perigo e à provação, firmeza e virilidade, o exército era um modelo para o resto de Roma.* César era o seu exército, de cima a baixo todos actuavam dentro do seu método, trabalhava como mestre indicando o caminho correcto da guerra metódica, ainda hoje (2011) existem lições das suas campanhas para os estudantes da arte/ciência da guerra.



GUSTAVO ADOLFO  
(1594/1632)

Gustavo Adolfo nasceu em Estocolmo, filho do rei Carlos IX da Suécia, decorrendo a sua infância imbuída de forte seriedade, nítida coragem e elevado sentido religioso, adquirindo na idade adulta elevado autocontrolo. *O jovem príncipe passou por todos os estágios do treino e da hierarquia militar e, aos dezassete anos foi dado como apto e participou com distinção, e com uma rara perícia e espírito empreendedor, numa guerra com a Dinamarca.*

Na sequência da descoberta da pólvora desenvolveu-se a guerra metódica (científica) tendo o primeiro impulso sido assumido por Gustavo Adolfo com o estudo da balística, sendo considerado pioneiro da moderna arte da guerra, aquele que recriou a guerra sistemática e intelectual, *despindo-a dos seus piores horrores*. Em 1611 começou o seu reinado estando a Suécia em guerra com a Dinamarca, a Rússia e a Polónia, *tendo decidido concluir cada uma isoladamente e à vez*, o que realizou metodicamente, conseguindo pazes sucessivas. O êxito do rei Gustavo Adolfo baseava-se na amplitude dos planos, *constância perante o trabalho intenso e na sua capacidade de adoptar correctamente a intrepidez ou a prudência, consoante as circunstâncias*.

Gustavo Adolfo mostrou ao mundo (para meditar na actualidade em ambiente de terrorismo globalizado) que a guerra podia fazer-se *dentro dos limites dos ensinamentos cristãos; que o fogo posto, o assassinio, a rapina não eram necessariamente inerentes a uma guerra hábil ou bem sucedida; que não havia necessidade de agravar o já inevitável sofrimento provocado por qualquer luta armada, infligindo às populações inocentes o que deveria ser suportado apenas pelos exércitos*.

FREDERICO  
(1712/1786)

O “Grande”, ou “Único”, foi rei da Prússia de 1740 a 1786, tendo sido brilhante estudioso de história, nomeadamente das proezas dos grandes comandantes onde se aprende a arte da guerra, evitou ser *moldado segundo o rígido padrão de um granadeiro* escolhido pelo seu pai, assumindo uma postura de *rapaz inteligente, atraente, espirituoso e imaginativo* que lhe permitiu ascender ao trono como *rei de corpo inteiro*. Frederico revelou-se como táctico na forma de defender o seu território, embora mantendo a iniciativa. A sua vivência junto das tropas deu-lhe força que aliada a forte determinação lhe permitiu constante actividade. Mesmo com 73 anos e doente (sofria de gota) continuou o árduo trabalho diário para o bem da Prússia. Como os romanos estabeleceu uma regra: *nunca esperar pelo ataque do adversário, mesmo na defensiva manter carácter ofensivo*. Frederico é o primeiro escritor da arte militar, as suas *Instruções* são marco da maior importância, nelas dizia: *vai sempre para o campo antes do inimigo*. As suas proezas guerreiras ficaram a dever-se à capacidade mental e à persistência, perigos e infortúnios não dificultavam a sua capacidade de raciocínio e decisão.

Nos 46 anos de reinado acrescentou sessenta por cento de território ao domínio prussiano, duplicou a população e criou excelentes tropas, transformando a Prússia num estado respeitado na Europa.

## NAPOLEÃO (1769/1821)

Napoleão Bonaparte, imperador dos franceses, coroou-se na Igreja de Notre-Dame em 1804, na presença do Papa Pio VII, estudou em escolas militares de 1779 a 1785 com auxílio duma bolsa conseguida pelo pai. As suas campanhas contribuíram com material para Jomini trabalhar a guerra na perspectiva científica.

A carreira de Napoleão mostra a conveniência na interligação entre intelecto, carácter e oportunidade para produzir êxitos na guerra e revela que a sua força cresceu na primeira metade e caiu na segunda, mas o seu poder intelectual manteve-se sempre. Quando, aos 27 anos, foi escolhido para comandante do Exército de Itália enfrentou *olhares de soslaio* dos competentes e experientes oficiais que duvidavam do pequeno, pálido e inexperiente comandante-chefe, mas Napoleão em breve demonstrou a sua superioridade todos reconhecendo nele a *mão de um mestre*.

Os êxitos de Napoleão basearam-se no estudo da situação, tendo sempre conhecimento pormenorizado dos factos, que avaliados por invulgar poder de raciocínio permitiam conhecer aquilo que o inimigo estava apto a fazer, mas *sem a arte o estudo seria inútil, não podendo a arte existir separada do estudo*.

Napoleão valorizava as comunicações a todos os níveis; *o segredo da guerra reside no segredo das comunicações, preservarmos as nossas e atacarmos as do inimigo* (nesta parte referindo-se a meios rodoviários e ferroviários), mas também, *“Os seus exércitos aumentavam de tamanho e os caminhos-de-ferro e os telégrafos (rede de semáforos ópticos como se pode estudar na Guerra Peninsular) nessa época não tornavam o transporte de tropas e de informações mais rápido.”*

A história, os factos relativamente recentes (duzentos anos), dizem-nos que o poder de Napoleão *residia no seu olhar lúcido perante os factos, na sua mente positiva*, mas o Napoleão de Waterloo não era tão grande como o de Austerlitz. *“Napoleão eleva-nos ao plano mais alto do génio, do poder e do êxito e depois declina, Começamos por sentir que temos aqui o maior dos comandantes e acabamos a reconhecer que não desempenhou o seu papel até ao fim.”*, mas, por certo, podemos considerá-lo como o líder que mais ensinamentos nos deixou dos tempos modernos.

Este sumário duma obra maior que os seis comandantes merecem que seja estudada mostra que, por uma ou outra razão, mudaram o curso da história, daqui a importância do seu estudo na perspectiva das ciências militares não só aplicadas nas práticas bélicas, mas também nos *mundos* empresarial, político, e, também, no *sofisticado* ambiente desportivo actual.



A Revista Militar agradece a “*Edições Sílabo*”, colecção “*Clássicos do Pensamento Estratégico*”, o exemplar enviado para a sua Biblioteca e felicita a Editora por mais esta contribuição para “*A Estratégia ao serviço da política, da guerra, das empresas*”, protagonizada com este clássico do pensamento estratégico.

Coronel António de Oliveira Pena  
Sócio Efectivo da Revista Militar